

a paixão da narrativa impossível *(iluminação: Sérgio Sant'Anna)*

Luis Alberto Ferreira Brandão Santos

Transcrito e adaptado do texto vencedor (1º lugar) do Concurso de Ensaio do número 25 da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, ano XXVII, 1993.

Sérgio Sant'Anna está situado entre os escritores de maior relevância da literatura brasileira contemporânea a partir da década de setenta. Essa relevância diz respeito não apenas ao expressivo número de obras já publicadas pelo autor. No total, são quatorze livros, entre os quais se destacam: *Notas de Mansfredo Rangel, repórter*, 1973 (Prêmio Guimarães Rosa, 1974); *Confissões de Ralfo*, 1975; *O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro*, 1982 (Prêmio Jabuti, 1983), *Amazona*, 1986 (Prêmio Jabuti, 1986); *A tragédia brasileira*, 1987; *A senhorita Simpson*, 1989; *Breve história do espírito*, 1991, *Um crime delicado*, 1999 e a antologia publicada pela Companhia das Letras, *Contos e novelas reunidos*, 1997.

Na verdade, o que há de mais instigante em sua obra é o contínuo trabalho de pesquisa com a linguagem que perpassa, sem exceção, todos os seus textos. Através da análise de seus livros, é possível delinear um percurso no qual fica patente uma elaborada e depuradíssima exploração de diferentes possibilidades narrativas. Uma exploração que não se confunde, em nenhum momento, com experimentalismos inconseqüentes que tornam certos textos literários herméticos e desprazerosos. O trabalho exploratório de Sérgio Sant'Anna, pelo contrário, sempre visou ao uso de uma inteligência aguçada na construção narrativa como um mecanismo para buscar o prazer do ato de manipulação da linguagem. Mesmo quando a linguagem parece forçar seus limites, sugerindo rupturas que, em alguns casos, bordejam sua própria negação, esse exercício afirma-se como um exercício de descoberta, de alumbramento. A narrativa de Sérgio Sant'Anna transforma em fascínio

a pergunta sobre as possibilidades de um diálogo do texto com a realidade (em especial, a brasileira) que surge a partir da década de sessenta: uma realidade fundamentalmente urbana e cada vez mais complexa.

entrevista com sérgio sant'anna

1. Quando você participou de um dos concursos da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, qual foi a importância dessa participação e da premiação nela obtida para a sua carreira de escritor?

Se não me engano eu participei do concurso da revista em 1966 e ganhei uma menção honrosa e publicação. O vencedor foi o Duílio Gomes. Para mim foi importante porque foi um reconhecimento a um trabalho de um iniciante, que nem sabia se tinha jeito para a coisa.

2. Como você analisaria a importância da revista, naquela época, para a divulgação da produção intelectual e artística dos alunos da UFMG?

A importância da revista é inegável, pois numa universidade do porte da UFMG sempre existem vários talentos literários que, com uma publicação na revista, podem se motivar mais para a literatura.

3. Como você vê a reativação, hoje, da Revista?

A reativação da revista é importante pela mesma razão acima.

4. Foi publicado, em 1997, pela Companhia das Letras, o livro *Contos e Novelas reunidos* com a compilação da sua obra até então produzida. Qual é a repercussão desse fato para um escritor no Brasil?

Para um autor ter seus contos e novelas reunidos num volume é muito bom porque reúne uma obra às vezes dispersa. Eu tenho alguns livros de contos fora do mercado, e os melhores contos incluídos neles foram também incluídos na antologia lançada pela Companhia das Letras.

5. Sua obra problematiza as fronteiras entre ficção e teoria. Essa seria, na sua opinião, uma tendência da produção literária atual? Fale desta relação entre ficção e teoria?

Eu não acho que problematizo intencionalmente ficção e teoria. Creio mais que discuto, e muitas e muitas vezes como brincadeira, as várias possibilidades da narrativa. Não gosto do termo metalinguagem, mas

é um pouco por aí. Na verdade, minha obra tem muito — e visivelmente — a ver com teatro e com as artes plásticas. Meu último livro “Um crime delicado” é todo em cima disso, mas, no meu entender, num clima de comédia. Uma comédia grave.

6. As diversas vozes da sua ficção possuem um centro agenciador?

Em geral as vozes em minha ficção possuem um centro agenciador que é um eu, já que costumo falar muito na primeira pessoa. Um eu que é um elo entre o meu eu real e um outro eu completamente imaginário, ao qual permito me contradizer no que julgar necessário.

7. O que é a imagem na literatura? Como você vê a construção da imagem na sua ficção?

A imagem na literatura, no meu caso, é a imagem literal. Uso muito o palco, os adereços, os quadros. Quanto a imagem literário-metafórica, se é que existe tal coisa, uso-a muito como exagero, brincadeira, sem chegar aos extremos hilariantes de um Nelson Rodrigues.

8. Quais foram as suas principais influências?

Eu li de tudo desde muito cedo, então prefiro não falar de principais influências. Pelo contrário, sempre gostei que a influência de um autor servisse justamente para anular a influência de outro. Considero minha linguagem bastante pessoal. E as influências, como já disse, podem vir principalmente do teatro, das artes plásticas, do cinema, ou até mesmo da música (vide O Concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro.)

9. Como você avaliaria a atual produção literária no Brasil?

Há uma chamada Geração 90 no Brasil, muito boa. Luiz Ruffato, Luis Alberto Brandão Santos, Joca Reiner Terron, Ronaldo Bressane, Rubens Figueiredo, Marçal Aquino, Fernando Bonassi, Luiz Roberto Guedes, Ademir Assunção, Cláudia Lage, Sônia Peçanha, Maurício Luz, Sérgio Rodrigues. E vários outros.

10. Que palavras você diria ao jovem escritor?

Táí uma pergunta difícil. Mas acho que poderia dizer que o escritor deve ser fiel a si mesmo, num processo contínuo de autoconhecimento. E fatalmente ele acabará por refletir o seu tempo, como a Geração que citei acima.